



Com que linhas te cruzas?

Uma co-produção: Teatrão | Metro Mondego | Câmara
Municipal de Coimbra | Câmara Municipal da Lousã | Câmara
Municipal de Miranda-do-Corvo | Centro de Estudos Sociais da
Universidade de Coimbra

Texto Inicial

Com que linhas te cruzas? é um projeto teatral de intervenção sobre a implementação do novo sistema de mobilidade urbana de Coimbra. Será desenvolvido em estreita colaboração com a comunidade, nomeadamente com escolas, famílias e territórios que pertencem às linhas do Metro Bus. O projeto terá várias fases de implementação:

- **Fase 1** - Mapeamento e Dramaturgia - trabalho com escolas e famílias – Oficinas de escrita criativa, entrevistas, oficinas da paisagem, oficinas teatrais;
- **Fase 2** - Leituras, Fóruns com Comunidade e Laboratórios de Criação – Trabalho com famílias, instituições, utentes, trabalhador Metro Mondego;
- **Fase 3** – 1.ª Criação, em 2024;
- **Fase 4** – 2.ª Criação, em 2025.

Sinopse

Há muitas linhas. Na nossa vida cruzamo-nos com todo o tipo de linhas: a linha que cose o botão do meu casaco, a linha da cana de pesca do avô, a linha que recorta o horizonte com formas de montanhas, e casas, e árvores; a linha que se repete por muitas linhas horizontais e verticais no meu caderno de matemática...

Há ainda outras linhas mais metafóricas que me fazem pensar em significados que ainda não entendo bem, como a linha do tempo, ou a linha da vida.

Há linhas geocêntricas, geográficas, geopolíticas, que se desenham com cores específicas. É o caso linhas vermelhas, que são as mais problemáticas e nunca se podem cruzar. Mas eu já cruzei algumas.

Todos os dias me cruzo com linhas. As minhas preferidas são as que desenho nos cantos do livro de geometria. São linhas imperfeitas, feitas por uma mão que se deixa levar pelas imagens que se alojam na linha do pensamento. Não são perpendiculares, nem tangentes, nem retas, nem paralelas. São linhas livres que me transportam para outras dimensões.

Há muitas linhas condutoras. Linhas de água, linhas marítimas, terrestres; linhas de comunicação. Fico a vê-las da janela, presas em grandes postes de madeira ou metal, fazendo ondas até ao infinito. Levam coisas: umas conduzem luz, outras transmitem conversas que viajam como por magia de uma casa para outra.

Há ainda as linhas que transportam pessoas. Estas são as mais importantes. Já pensaste nisso? Então, pensa lá: se uma só pessoa se cruza em esta infinidade de linhas, imagina uma linha cheia de pessoas. É um emaranhado de linhas, de imagens de histórias, de vidas e de tempos que se cruzam numa linha só. É um mundo condensado num pequeno segmento desse mesmo mundo. Queres descobri-lo comigo?

Com que linhas te cruzas? tem como ponto de partida a Linha do Metro do Mondego, e serve de mote para os dois espetáculos a serem criados.

Mapeamento Cultural

O processo de mapeamento cultural constitui uma abordagem sistemática para identificar, registar e classificar os recursos culturais, materiais e imateriais, de uma comunidade. Pode ser uma poderosa ferramenta de planeamento, aumentando a consciência e o acesso aos recursos existentes. Vemo-lo ainda como uma estratégia de envolvimento dos residentes e agentes locais no sentido de participarem na definição do projeto a desenvolver. A aproximação às comunidades e a todos os agentes pode ser feita de forma faseada, com o intuito de aprofundar os contributos e o seu impacto nos espetáculos criados.

Numa primeira fase, serão aplicados inquéritos às populações dos territórios atravessados pela linha do Metro Bus e os seus resultados serão processados pela equipa artística e científica, em parceria com o Centro de Estudos Sociais e a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Note-se que os resultados do mapeamento determinam ainda o desenho das restantes atividades, apontando caminhos e lugares que de outra forma não tocaríamos, aprofundando histórias e criando uma rede de pessoas disponíveis para tornar esta intervenção verdadeiramente participada.

Numa segunda fase de mapeamento, tirando partido de outras técnicas de pesquisa características das ciências sociais, iremos cruzar os vários intervenientes e agentes da comunidade em assembleias de rua, conversas, grupos focais, também em parceria com o Centro de Estudos Sociais e a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Todas estas dinâmicas cruzam a equipa científica e artística com as comunidades e são desenhadas de forma lúdica e informal para mobilizar a participação de todos e reforçar o sentido de identidade.

Note-se que, ao recolher testemunhos e ao mapear os territórios, estamos inevitavelmente a contribuir para a estruturação das dramaturgias dos espectáculos e para a forma como os participantes da comunidade os poderão integrar.

Miranda do Corvo	
Entidade	Área
Filhos do Palco	Teatro
Filarmónica Mirandense	Música

Lousã	
Entidade	Área
Grupo Etnográfico Lousã	Danças tradicionais
Teatro Barraca Preta	Teatro
Filarmónica Lousanense	Música

1ª Criação, 2024 | A acontecer nas Paragens do Metro Bus

No primeiro espetáculo gostaríamos de criar curiosidade sobre a ideia de “linha” e levar o público a refletir sobre a importância das linhas na nossa vida. Tipos de linhas que se cruzam para concluirmos que a nossa realidade é bem mais complexa do que aparente e é precisamente essa complexidade que torna cada pessoa e cada contexto mais interessante.

2ª Criação, 2025 | A acontecer nas Carruagens Metro Bus

No segundo espetáculo seguimos para os universos particulares das pessoas e dos mundos transportados nas linhas da Linhas do Metro do Mondego. São fragmentos de vidas, que se cruzam com as vidas de outros, passageiros da mesma linha, que em momentos particulares partilham a mesma carruagem, a mesma estação e, por vezes, a mesma história. O espectador acompanha-os através da viagem, dando-se de conta, que também a sua história faz parte das histórias deste emaranhado de linhas.

Ficha Técnica e Artística

Direção Artística: Isabel Craveiro

Encenação: Marco Antonio Rodrigues

Dramaturgia: Sandra Pinheiro

Mapeamento Cultural e Consultoria Científica: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - Cláudia Pato de Carvalho

Elenco Teatrão: Afonso Abreu, David Meco

Elenco da Comunidade: Participante de Coimbra, Miranda-do-Corvo e Lousã

Cenografia, Figurinos e Adereços: Filipa Malva

Sonoplastia: Nuno Pompeu

Composição Musical: Miguel Cordeiro

Músicos: Participantes das comunidades locais

Grafismo: Studio and Paul

Fotografia: Carlos Gomes, Mário Canelas, Paulo Abrantes e Teresa Valente

Vídeo: Bruno Simões

Comunicação: Luís Marujo, Margarida Sousa

Direção de Produção: Isabel Craveiro

Produção Executiva: Cátia Oliveira

Direção Técnica: Jonathan de Azevedo

Construção de Cenário e Adereços: José Baltazar

Confeção Figurinos: Fernanda Tomás

Caracterização do Teatrão e seu historial

O Teatrão é, desde 1994, uma companhia profissional de teatro, com a missão de aproximar a arte teatral das comunidades e territórios, promovendo a igualdade de acesso às suas atividades por todos os públicos, através de práticas inclusivas, fruto da sua posição política sobre o papel da arte e cultura no desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades.

São objetivos do Teatrão: promover uma oferta artística diversificada e geograficamente equilibrada na cidade e região, contribuindo para uma maior e melhor fruição das artes; afirmar o papel da companhia e da sua atividade, mantendo a aposta constante no profissionalismo artístico, na contemporaneidade dos trabalhos apresentados e na proximidade com as comunidades; afirmar o espaço da Oficina Municipal do Teatro enquanto espaço participativo e próximo das comunidades; garantir a circulação das suas criações por equipamentos do país e em circuitos internacionais; articular e aprofundar a dimensão artística e pedagógica do seu

projeto, apenas possível graças à singularidade da formação académica e experiência profissional da sua equipa, de encenadores/ atores/ dramaturgos/ pedagogos, entre outros profissionais das áreas performativas, promovendo práticas que articulem a criação, a formação e a investigação nas artes performativas.

O Teatrão foi fundado em 1994, dedicando-se à criação de espetáculos e atividades pedagógicas para a infância, inexistentes até então na cidade de Coimbra.

No final da Capital da Cultura de Coimbra, instalou-se no Museu dos Transportes, na zona baixa da cidade. A possibilidade de programar trouxe ao Teatrão a oportunidade de desenvolver dinâmicas para públicos mais diversos, fundamentais para a evolução do projeto e que transformaram este espaço provisório numa das principais salas de espetáculo da cidade. Até 2008, o Museu acolheu dança, música, teatro, das principais companhias do país, de emergentes e artistas locais, trazendo milhares de espetadores ao Museu. Foi igualmente neste período que o Teatrão viu crescer o seu projeto pedagógico, acrescentando às Classes de Teatro (2001), outros programas de formação dedicados a jovens com necessidades especiais, pessoas de idade maior, companhias amadoras, entre outros. Em 2008 o Teatrão assume a Oficina Municipal do Teatro (OMT), transformando este espaço num pólo dinâmico de programação cultural, proporcionando à cidade espetáculos dos mais variados géneros e para diferentes públicos, iniciando um projeto que assenta na relação aberta e informal com todos os agentes, parceiros e públicos da cidade e do país, ampliando a sua oferta educativa e explorando diferentes formas teatrais nas suas criações.

Desde 2010 que o Teatrão desenvolve um conjunto de práticas teatrais com a comunidade. Respondem ao impulso existente, desde a sua génese, de assumir a convocação que a arte teatral faz do confronto do coletivo com o território que habita. Respondem à necessidade de investigação e cruzamento das formas teatrais populares e eruditas, a partir do binómio identidade/comunidade. Respondem ainda ao tempo presente, de necessidade de encontro de um lugar-comum, de pertença e de ação. Nestes mais de dez anos de experiências artísticas comunitárias, as metodologias de trabalho têm-se enriquecido, tornando os trabalhos cada vez mais desafiantes.

A partir de 2012 o Teatrão expandiu o seu território, criando redes e parcerias com municípios vizinhos, com a academia e com outras estruturas da cidade. Internacionalmente criou parcerias com estruturas da Bélgica, Holanda, Itália, Irlanda e Reino Unido.

Em 2014 concebe a Rede Artéria - criação e programação - que operou em 8 municípios da Região Centro até 2021, para a qual prepara uma publicação final e nova edição para o ciclo 2020/2030.

Atualmente o Teatrão distingue-se por ser um projeto empenhado na criação teatral que afirme a qualidade dos seus profissionais e desafie os públicos, cruzando-os com o seu Projeto Pedagógico e os projetos de mediação e participação das comunidades. Destaca, dos inúmeros parceiros académicos, o Centro de Estudos Sociais (CES) da UC com quem desenvolve sofisticados e inovadores processos de intervenção e participação, em projetos de investigação nacionais e europeus com os seus programas e criações. As desigualdades existentes no acesso à cultura são, desde o início da sua atividade, uma realidade a transformar. A defesa do ensino artístico de qualidade, do teatro, desenvolvido por profissionais capacitados e experientes em todos os níveis de ensino é outro dos seus desafios de sempre. O reconhecimento público do projeto do Teatrão é demonstrado pelo recente estudo de públicos do CES, onde o Teatrão é o projeto, local de programação mais reconhecido pelos públicos. O Teatrão é o único espaço acessível da cidade, com LGP e Audiodescrição. A OMT integra a RTCP e a Rede de Teatros de Programação Acessível. Ajudou a criar e faz parte da direção da Descampado, rede de estruturas de todo o país, descentralizadas e com lógicas inovadoras de cooperação, sustentabilidade e valorização dos territórios.

Notas Biográficas

Afonso Abreu

Iniciou a formação na área do teatro em 2015 no projeto Classes de Teatro do Teatrão, que integra um programa de formação na área do teatro para públicos infantis, juvenis e adultos. Neste contexto, participou no espetáculo “Atalhos” de Joana Craveiro para o Projeto Panos 2016, encenado por João Santos, no espetáculo “Carrossel”, dirigido por Pedro Lamas, em 2018, em 2019 no espetáculo "Romeu e Julieta" de William Shakespeare, encenado por Isabel Craveiro, e em 2020 no espetáculo de intervenção comunitária "De Portas Abertas", com direção artística de Isabel Craveiro. Em 2018 ingressa no curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo-o concluído no ano de 2021. No âmbito da licenciatura, integrou o projeto de intervenção "Ensaio Bruxas" a partir de "As Bruxas de Salem" de Arthur Miller, dirigido por Pedro Lamas e, integrou também, o elenco do espetáculo "A Noite da Lua de Sangue" a partir de "Os Tambores na Noite" de Bertolt Brecht, dirigido por António Fonseca. Assumiu, em 2019, a função de contra-regra nos espetáculos "Richard's" e “Ala de Criados”, ambos encenados por Marco Antonio Rodrigues. Integrou a direção

de cena do espetáculo "Da Família" de Valério Romão, também encenado por Marco Antonio Rodrigues, em 2021. Neste momento, é estagiário da companhia desde janeiro de 2022, tendo participado, como ator, nos espetáculos "Viajantes do Tempo" e "Os Cantos das Pedras", inseridos no projeto "Marcos Históricos - Romanização", coordenados por Isabel Craveiro e João Santos. Integrou, também, o elenco do espetáculo "De Portas Abertas II - Os Caminhos do Trabalho". Nos anos de 2017 e 2018 desempenhou, ainda, a função de monitor nos programas de férias para crianças e jovens desenvolvidos pela companhia. Acompanhou, também, no âmbito do estágio profissional, uma turma de crianças das Classes de Teatro, orientada por Isabel Craveiro.

Cátia Oliveira

Licenciatura de Direção de Cena e Produção Teatral na Escola Superior de Música Artes e Espetáculo. Participou como coorganizadora da 3ª Edição do Festival SET (Semana Escolas de Teatro), desempenhando funções de produção e de direção de cena. Em formação, trabalhou com os encenadores Howard Gayton e Geoff Beale, João Mota, Nuno Cardoso, e Fernando Mora Ramos, desempenhando funções de diretora de cena, de produção e contrarregra. Em 2011, colaborou ainda com a companhia Limite Zero, como produtora. Atualmente, integra a equipa do Teatrão, onde coordena a gestão da equipa a administração, onde assume a direção de produção de espetáculos da companhia e do Projeto Pedagógico, Projetos de Intervenção na comunidade e a direção de cena de espetáculos da companhia e em nos acolhimentos. Coordena, ainda, a produção da Rede Artéria, no âmbito regional. Como produtora, destaca o trabalho com os seguintes encenadores: Isabel Craveiro, Antonio Mercado, Antonio Fonseca, Ricardo Correia, Joana Mattei e Marco Antonio Rodrigues, entre outros.

Cláudia Pato de Carvalho

Investigadora no Centro de Estudos Sociais (UC), desenvolve projetos de investigação nas áreas da participação comunitária, mapeamento cultural, cocriação comunitária e intervenção urbana. Integra a Linha de Investigação 5. Culturas Urbanas, Sociabilidades e Participação. Completou o doutoramento em Sociologia, com especialização em Sociologia da Cultura, Conhecimento e Comunicação, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em colaboração com o Center for Reflective Community Practice, agora Community Innovators Lab (MIT, EUA). Coordena academicamente o projeto REDE ARTÉRIA, uma parceria Teatrão-CES. O REDE ARTÉRIA é um projeto de

investigação-ação, coordenado pela companhia de teatro O Teatrão que visa o desenvolvimento de uma rede de programação cultural na Região Centro (Portugal) e a criação de projetos de intervenção artística em oito cidades desta Região. Entre 2010 e 2018, desenvolveu no contexto do serviço educativo do Teatrão, uma rede europeia no campo da educação artística em contextos de exclusão social, com vários projetos aprovados no âmbito do Programa Juventude em Ação e ERASMUS+. Foi membro da equipa de investigação CES do projeto CREATOUR: Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e Áreas Rurais (www.creatour.pt) e é membro do Observatório CREATOUR (Observatório de cultura e turismo para o desenvolvimento local. Integra a equipa CES do projeto H2020 UNCHARTED: Understanding, Capturing and Fostering the Societal Value of Culture (2020-2024), coordenado pela Universidade de Barcelona. Integra a equipa de coordenação do CES para IN SITU: Place-based innovation of cultural and creative industries in non-urban areas. Co-coordena no CES o CC.EDU - Grupo de Trabalho em Ciência Cidadã e Educação. É professora auxiliar convidada da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra onde leciona as disciplinas de Sociologia Aplicada (Licenciatura em Sociologia) e Diálogo Intercultural Crítico (Mestrado em Sociologia).

David Meco

Iniciou a formação na área do teatro em 2016 no projeto de Classes de Teatro do Teatrão. Neste contexto, participou em 2019 no espetáculo "Romeu e Julieta" de William Shakespeare, encenado por Isabel Craveiro e com a orientação de João Santos e Margarida Sousa, e em 2020, no espetáculo de intervenção comunitária "De Portas Abertas", com direção artística de Isabel Craveiro. Em 2018 ingressa no curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo-o concluído em de 2021. No âmbito desta licenciatura, integrou o Projeto de Intervenção "Ensaio Bruxas" a partir de "As Bruxas de Salem" de Arthur Miller, dirigido por Pedro Lamas, bem como o espetáculo "A Noite da Lua de Sangue" a partir de "Os Tambores na Noite" de Bertolt Brecht, dirigido por António Fonseca. Assumiu a contrarregagem do espetáculo "A Grande Emissão do Mundo Português", cuja direção artística é de Isabel Craveiro, em 2019, e, para além disso, integrou a direção de cena do espetáculo "Da Família" de Valério Romão, encenado por Marco Antonio Rodrigues, em 2021. Neste momento, é estagiário na companhia desde janeiro de 2022, tendo participado, como ator nos espetáculos "Viajantes do Tempo" e "Os Cantos das Pedras", inseridos no projeto "Marcos Históricos - Romanização", coordenados por Isabel Craveiro e João Santos. Integrou, também, o elenco do espetáculo "De Portas Abertas II - Os Caminhos

do Trabalho", estando ao mesmo tempo a concluir uma pós-graduação em dança contemporânea na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto.

Filipa Malva

Cenógrafa e arquiteta. É doutorada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra e Mestre em Espaço de Performance pela Universidade de Kent, Reino Unido. Tem desenvolvido trabalho regular como cenógrafa, figurinista, artista cénica e desenhadora. Nos últimos quatro anos, tem sido responsável pela cenografia e figurinos da Casa da Esquina, Teatrão, a Cooperativa Bonifrates, os Macadame, os Cornalusa e o GEFAC, entre outros. Distinguida com a Bolsa de Doutoramento da FCT e Bolsa de Bolsa de mobilidade Sócrates/Erasmus para a escola de Arquitetura IonMincu, Bucareste, Roménia, GAERI/Agência Nacional Sócrates/Erasmus. Espaço em arquitetura e cenografia, desenho para teatro, fenomenologia do teatro e cenografia digital e ambientes digitais tridimensionais constituem os seus atuais interesses na área de investigação. Em 2010 e 2012, foi coeditora do e-book "Performance: Visual Aspects of Performance Practice" (Oxford: Inter-Disciplinary Press) e do e-book "Activating the Inanimate: Visual Vocabularies of Performance Practice" (Oxford:

Inter-Disciplinary Press). É membro fundador da Associação Portuguesa de Cenografia. Colabora com o Teatrão desde 2012.

Isabel Craveiro

Encenadora, atriz, pedagoga, diretora artística do Teatrão (T), onde assume a coordenação das seguintes áreas: programação da Oficina Municipal do Teatro (OMT); mediação de públicos e projeto pedagógico (PP); projetos de intervenção comunitária; projetos de acompanhamento de companhias amadoras; Rede Artéria. Na sua formação, passou pelo TEUC, pelo Curso Livre de Interpretação da Escola Superior de Educação de Coimbra, com Antonio Mercado, tendo-se licenciado em Teatro e Educação, nessa mesma escola. Participou no seminário Teatro em Contextos Especiais, com Dragan Klaic, dois Cursos Livres de Interpretação, do sistema de Stanislavski, ministrados por Valentin Teplyakov, (Academia Teatral de Moscovo) e os Cursos Livres de Cenografia I e II, com o cenógrafo José Dias, entre outros. Na encenação, destaca-se a assistência a João Mota em O efeito dos raios gama nas margaridas do campo. Encenou, entre outros, D. Quixote de Coimbra, Punk Rock, Sophia, O Doente Imaginário, A Grande Emissão do Mundo Português, Romeu e

Julietta. Coordenou e encenou diversos projetos de teatro e comunidade. Como atriz, integrou vários espetáculos, trabalhando com encenadores como Rogério de Carvalho, Marco Antonio Rodrigues, Patrick Murys, Ricardo Vaz Trindade, entre outros. Enquanto programadora, é responsável pelo acolhimento de projetos, quer emergentes, quer consagrados, nacionais e internacionais, de várias áreas artísticas e para todas as idades. Destaca a parceria criada com festivais como FITEI ou o Festival de Almada. Coordenou artisticamente a Mostra São Palco, que acolheu projetos de São Paulo. Coordenou a realizações de vários seminários, masterclasses, ciclos de conversas. Convidada por inúmeras entidades nacionais e estrangeiras para apresentar o projeto do T, destacando o II Fórum Internacional de Cidades Antigas, da UNESCO (Rússia); Cultural Footprint Program, Oslo, MEXE, Encontro Internacional de Arte e Comunidade; Arte com todos? (Gulbenkian), entre outros.

Jonathan Azevedo

Nasceu em Connecticut (Estados Unidos da América), e formou-se como ator, em 2001, na Universidade de Vermont. Ainda em 2001, vem para Portugal desenvolver trabalho na área da iluminação de espetáculos de teatro. Trabalhou, desde então, com encenadores como João Mota, Marco Antonio Rodrigues, Antonio Mercado, Ricardo Correia, Leonor Barata, entre outros. Em 2011, concluiu o Mestrado de Teatro em Design de Luz na Escola Superior de Música e Artes de Espetáculo. Pertence ao corpo docente da Escola Superior de Educação de Coimbra, onde leciona a disciplina de Técnicas de Cena, do curso de Teatro e Educação. Integrou a equipa técnica do Convento São Francisco. Desde 2007 que colabora com o Teatrão, onde assinou desenhos de luz de produções várias até ao momento. Atualmente é diretor técnico do Teatrão, coordenando a área técnica, quer nas criações do teatrão quer dos acolhimentos, responsável ainda pela manutenção e aquisição dos equipamentos de palco e técnicos. Nos anos 2012 e 2013, fez parte da equipa portuguesa do Projeto Internacional École de Maitres (Teatro Académico Gil Vicente), como Diretor Técnico.

Luís Marujo

Luís Marujo nasce em 1996, em Coimbra. A cidade dos estudantes sempre lhe soube a pouco e, portanto, acabou por completar o 3º ano da licenciatura de Jornalismo e Comunicação em Lisboa. Aí, teve oportunidade de experimentar a comunicação cultural e, desde então, tem dado os seus passos em várias manifestações da intersecção entre a comunicação e a cultura: dirigente de projetos, investigador,

gestor de redes, locutor de rádio, assessor, agente. Passou pelo gabinete de comunicação da Culturgest, sob a coordenação de Vítor Bruno Pereira e onde trabalhou com Delfim Sardo. De regresso a Coimbra, completou o curso de locução e realização da Rádio Universidade de Coimbra, onde ainda é ativo como locutor, curador, gestor de redes sociais e produtor de eventos. Colaborou em regime freelance com o Colectivo Casa Amarela, nos projetos “Island Fever” e “Modernidade Líquida” e, mais para trás, integrou durante vários anos a equipa de redação do Altamont. Em 2019, rumou a Amesterdão, onde completou o primeiro ano do Mestrado de Comparative Arts and Media Studies da VU Amsterdam e onde teve oportunidade de trabalhar em diversos projetos de investigação, nomeadamente numa colaboração entre a Wikipedia NL e o LIMA – Instituto de Media Art, com a coordenação da professora e investigadora Katja Kwastek. Trabalhou também de perto com Hans Fidom, professor e diretor do Orgelpark, no âmbito da cadeira de Sound Heritage. Contou ainda com uma breve passagem pela VU Campusradio. O primeiro confinamento da pandemia Covid-19 trouxe-o de volta a Portugal, onde, desde então, trabalhou na comunicação do CEIS20 – UC e estagiou no departamento de agenciamento da Sons Em Trânsito. Em fevereiro de 2023, integra a equipa do Teatrão como profissional de comunicação.

Margarida Sousa

Licenciatura em Comunicação Organizacional pela Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). Curso Livre de Interpretação com Antonio Mercado. Licenciatura em Teatro e Educação pela ESEC. Integra a equipa do Teatrão (T), onde exerce funções como membro da direção, atriz e pedagoga. Responsável pela área da comunicação da companhia, assumindo a coordenação de: desenho e implementação dos Planos de Comunicação das várias atividades; a Assessoria de Imprensa e angariação de media partners; a criação da imagem gráfica; o acolhimento de estágios nesta área; a gestão de conteúdos do site e Redes Sociais, a relação com parceiros de divulgação e angariação de apoios. Como atriz, já integrou 30 criações do T, quer a partir de dramaturgia universal, quer a partir de textos originais, quer explorando outras linguagens artísticas, em processos partilhados por toda a equipa artística e destinadas a públicos variados. Em paralelo, integra a equipa artística dos projetos de intervenção comunitária, onde assume a codireção de espetáculos. Trabalhou com os encenadores Corrina Manara, Marco Antonio Rodrigues, João Mota, António Fonseca, Nuno Pino Custódio, Ricardo Vaz, Patrick Murys, Antonio Mercado, Isabel Craveiro, Ricardo Correia, Alex Cassal, entre outros. No plano formativo, destaca “Teatro do Gesto”, com

Norman Taylor, Os Fundamentos do método de Stanislaski, com Valentim Tepliakov, decano da Academia Teatral de Moscovo; Contacto-improvisação, com Marina Nabais, Devising Dentro de uma Democracia, com a companhia nova-iorquina The TEAM, Casa Aberta, incluindo oito masterclass com artistas de várias áreas das artes performativas, Consciência do Ator, formação coordenada por João Brites. No projeto pedagógico do T assinou a coencenação de várias criações, destacando três projetos PANOS, organizados pelo TNDMII, e a encenação de textos de Lorca, Sophia de Mello Breyner e Sartre.

Marco Antonio Rodrigues

Encenador teatral, foi fundador e diretor artístico do Folias, coletivo teatral de São Paulo, Brasil. - e editor da revista “Caderno do Folias”. Colabora como encenador também, com “O Teatrão”, coletivo teatral sediado em Coimbra. Tem especialização no Sistema Stanislavski pela Academia Russa de Arte Teatral – Moscou. Como colaborador atuou como professor-encenador da Escola Superior de Artes Célia Helena e do Teatro-escola Célia Helena, uma das mais antigas escolas do Brasil. Atuou também como professor-encenador do Curso de Teatro da Escola Superior de Educação em Coimbra, e da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, ambas em Portugal. Realizou mais de cinquenta encenações ao longo da carreira. Entre seus últimos trabalhos a direção cênica da ópera-documentário “Guarani em Chamas” para o Theatro Municipal de São Paulo, a encenação de “Erendira, a Incrível e Triste História de Candida Erendira e sua Avó Desalmada” dramaturgia de Claudia Barral para o conto de Gabriel Garcia Marquez, no Teatro popular do SESI, “Richard’s” dramaturgia de Jorge Loureiro para o Ricardo III de Shakespeare, “Ala de Criados”, de Mauricio Kartun, e “da Família” as três últimas no Teatrão, Coimbra, Portugal. Em cartaz, em São Paulo, “Hamlet, 16x8”, dramaturgia dele e de Rogério Bandeira, “Noel, um musical”, de Plínio Marcos e “Gagarin Way”, de Gregory Burke.

Em seu currículo constam os Prêmios Shell, Mambembe, APCA, Molière, Prêmio Villanueva, da crítica cubana, entre outros, além de numerosas indicações.

Miguel Cordeiro

Miguel Cordeiro, multi-instrumentista natural de Tondela começa a ter aulas de guitarra na escola de música local aos 12 anos. Mais tarde, com 17 anos, ingressa no Curso Profissional de Jazz do Conservatório de Música da Jobra, que conclui em 2015.

Dois anos depois iniciou a sua formação superior, desta vez na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no curso de Estudos Artísticos. Desde 2015 que colabora ativamente com a ACERT, na criação de diversos espetáculos de teatro e de música. Atualmente integra os projetos Victor Torpedo and The Pop Kids, Nevoeiro, Giant Surfers, Wakadelics, entre outros. Possui também um projeto de canções em nome próprio, com um disco editado em 2022.

Nuno Pompeu

Licenciatura de Som e Imagem pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Em 2018 integra a companhia Teatrão, exercendo funções como operador de som e sonoplasta. É responsável técnico do GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra - desde dezembro de 2018. Foi coordenador da RUC – Rádio Universidade Coimbra – de maio de 2019 a janeiro de 2020. Desenvolveu várias instalações sonoras, incluindo Sardinhas Bordalo Pinheiro, premiada no concurso para Instalação no La Vie Caldas da Rainha. Para além de trabalho de gravação, produção e masterização, tanto audiovisuais como musicais, tem uma carteira de mais de cem espetáculos ao vivo realizados entre 2016 e 2019.

Paul Hardman

Designer gráfico britânico sediado em Coimbra, Portugal. Estudou artes gráficas em Liverpool Art School (JMU), tem mestrado em Design Gráfico pela Camberwell College of Arts de Londres (UAL) e doutoramento em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. A sua obra abrange a comunicação editorial e design de identidade em diversos projetos para cultura, publicação/edição e arquitetura. Os seus projetos combinam a funcionalidade com a experimentação baseada no processo. Utiliza frequentemente o desenho, fotografia e criação de imagem no seu design. É Professor Auxiliar Convidado no curso de Design e Multimédia da Universidade de Coimbra. Em 2016, ilustrou o livro “Palavras Viageiras”, de João Pedro Mésseder, e fez o seu primeiro livro infantil, “A Almoçarada”, de Billy Bolly, ambos editados por Xerefé. Atualmente gere a empresa Studio And Paul. É responsável pela identidade gráfica do Teatrão desde 2016.

Sandra Pinheiro

"Natural de Guimarães, Sandra Pinheira é dramaturga. Fez formação de escrita teatral com José Sanchis Sinisterra, e com a Lark Play Development Centre de Nova Iorque. Em 2009 participou na International Residency for Emerging Playwrights do Royal Court Theatre de Londres. Em 2013, integrou no mesmo teatro o projeto Big Idea - PIIGS, para o qual escreveu o texto Adeus ao país dos velhos.

Escreve para teatro desde 2003 e entre os textos que escreveu contam-se Emprateleirados - Prémio Miguel Rovisco Inatel 2003, Homens de cá e de lá, Os filhos de Teresa - Menção honrosa no prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno 2009, Os Trabalhadores invisíveis ou Como ser feliz em apenas 5 dias. Em 2012 integrou o projeto Conta-me como é, como co-autora, levado à cena pelo Teatrão. Para o Teatrão escreveu também a dramaturgia do espetáculo ""De portas abertas"

É fundadora da Didaskalia - Teatro empresarial e autora dos textos e atividades da companhia dirigidos a adultos e a crianças."